

ECOS DA ANCESTRALIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS TRAÇOS DA TEMÁTICA INDÍGENA NO FESTIVAL CHARQUEADA DA CANÇÃO NATIVA DE PELOTAS

PARLA CRISTIANE MACEDO GERMANN¹;
JORGE EREMITES DE OLIVEIRA²

¹UFPel – parla.cristiane92@gmail.com

²UFPel – eremites.br@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta a proposta de pesquisa da dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O estudo tem como objetivo investigar as músicas com temática indígena apresentadas nas quatro edições do festival nativista Charqueada da Canção Nativa de Pelotas, realizada entre 1984 e 1987, sob organização do Colégio Gonzaga. Com base na hipótese de que esse festival, ainda que efêmero, representa uma amostra expressiva da produção artística regional, a pesquisa busca compreender como os povos originários foram representados, ou silenciados, nesse contexto de visibilidade musical.

A análise parte de questões centrais: De que forma o indígena é evocado nas canções? As composições reforçam estereótipos ou propõe leituras críticas e simbólicas da ancestralidade? Que lugar essas vozes ocupam na construção da memória musical e cultural do sul do Brasil? As canções serão observadas como narrativas que atravessam o campo do simbólico, da memória e da disputa por sentidos. Como assinala KRENAK (2019), os povos indígenas são muitas vezes reduzidos a uma imagem do passado, distantes da centralidade dos debates contemporâneos ou ainda em KRENAK (2020), que o modo de vida deve ser preservado, pois assim continuarão “sendo quem somos”. A pesquisa propõe, assim, uma reflexão crítica sobre a presença (e ausência) indígena no campo da música nativista – tensionando a ideia de tradição regional com os princípios da memória e da representatividade.

A proposta se inscreve também nas reflexões de HALBWACHS (2003) sobre a natureza social da memória coletiva, ao compreender que as lembranças não são estritamente individuais, mas resultam de quadros coletivos que moldam o que se lembra e o que se esquece. Nessa perspectiva, o festival é tomado como um espaço privilegiado de articulação de identidades, seleções e esquecimentos, contribuindo para a construção de uma memória coletiva sobre o indígena no imaginário regional. Complementarmente a pesquisa dialoga com os debates da descolonização do saber, sobretudo nas contribuições de LANDER (2005) e SMITH (2016), que questionam os fundamentos eurocentrados da ciência e defendem outras epistemologias.

Com o poder da oralidade, da poesia e da arte como formas de resistência e continuidade cultural, ao apresentar essa proposta de pesquisa, o trabalho propõe uma escuta crítica e descolonial das vozes que ecoam – parcial ou simbolicamente – nas canções da Charqueada da Canção Nativa de Pelotas, refletindo sobre o papel da música regional na construção de memórias e identidades indígenas no sul do Brasil.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com ênfase nos campos da história cultural e da análise de conteúdo, buscando compreender como a temática indígena se manifesta na produção musical apresentada nas quatro edições do festival Charqueada da Canção Nativa de Pelotas (1984-1987). Em um primeiro momento, será realizada a catalogação completa das músicas por edição, incluindo título, autores, letra, gravação das obras e ficha técnica, sempre que possível.

Após essa etapa as composições serão organizadas em três grupos. Um grupo das músicas que abordam diretamente a temática indígena em seus títulos, enredos ou personagens, outro das músicas que contêm elementos simbólicos, linguísticos ou poéticos associados aos povos indígenas, mesmo que de forma indireta e o terceiro com as músicas que não contenham a temática.

Com base nessa separação, será conduzida uma análise interpretativa das letras, atentando para construções simbólicas, recorrência de temáticas, vocabulário, possíveis estereótipos e ausências significativas. A análise também considerará os contextos de produção e performance, quando possível, buscando compreender como essas músicas participaram da construção de uma memória regional sobre o indígena no imaginário musical da época.

A pesquisa é guiada pela compreensão de que a memória não é um ato puramente individual. Nesse sentido, os festivais nativistas são tomados como espaços de mediação entre memória individual, identidade coletiva e práticas culturais de representação. Serão utilizados, como apoio, registros jornalísticos, programas dos festivais, discos e encartes do festival, documentos, entrevistas e acervos dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os resultados aqui apresentados são preliminares. No entanto, a análise inicial das quatro edições do festival Charqueada da Canção Nativa de Pelotas já permite observar uma tentativa de valorização da cultura regional em diálogo com elementos indígenas. Ainda que pontual, essa presença revela uma certa sensibilidade poética em relação à ancestralidade originária. Contudo, muitas dessas representações se mostram dissociadas da realidade dos povos indígenas, operando por meio de símbolos míticos, imagens idealizadas ou generalizações que reforçam a perspectiva do colonizador e não a voz indígena autônoma.

Essa constatação dialoga com a crítica de KRENAK (2019), que o indígena é visto como uma alegoria do passado. A presença simbólica do indígena nas canções analisadas parece, por vezes, cumprir esse papel estético ou mitificado, sem o devido reconhecimento político e histórico. Nesse contexto, a análise dessas narrativas musicais se torna fundamental para compreender como a música nativista da época contribuiu para a construção de uma memória seletiva, na qual o indígena é mais frequentemente evocado do que efetivamente representado.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa, ainda em desenvolvimento, já permitiu avanços significativos, como a catalogação de parte do repertório apresentado nas quatro edições do festival Charqueada da Canção Nativa de Pelotas. A análise preliminar da obra “Rodeio dos Ventos” – canção que evoca os ventos como entidades sagradas e traça relações com a natureza – aponta para a existência de elementos cosmológicos e espiritualizados que podem ser interpretados à luz de epistemologias indígenas, ainda que não assumam, necessariamente, uma representação direta do sujeito indígena.

Esses primeiros achados indicam que o festival, embora de curta duração, constitui um campo fértil para investigar como a cultura nativista regional se relacionou, ao longo da década de 1980, com imaginários sobre ancestralidade, território e identidade. Diante disso, a continuidade da pesquisa se propõe a aprofundar a análise crítica dessas representações e a refletir sobre os usos simbólicos da figura indígena no imaginário musical sul-rio-grandense.

Ao evidenciar os limites e as potencialidades dessas construções, o trabalho busca contribuir para os debates sobre memória, patrimônio e descolonização cultural, além de provocar a escuta sobre modos diferentes de narrar o pertencimento, o passado e o futuro a partir da arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALBWACHS, M. Memória coletiva e memória individual. In: WALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter São Paulo: Centauro, 2003. p.25-52

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SMITH, L. **A descolonizar las metodologías: instigación y pueblos indígenas**. Santiago: Lom Ediciones, 2016.